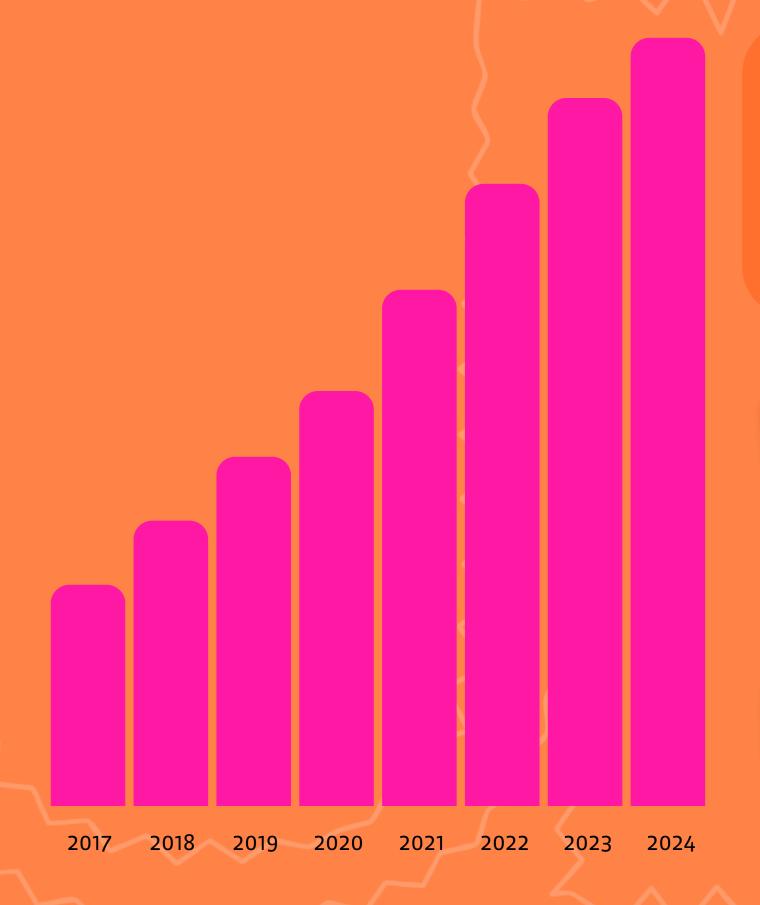




RITA LEE COR DE ROSA CHOQUE



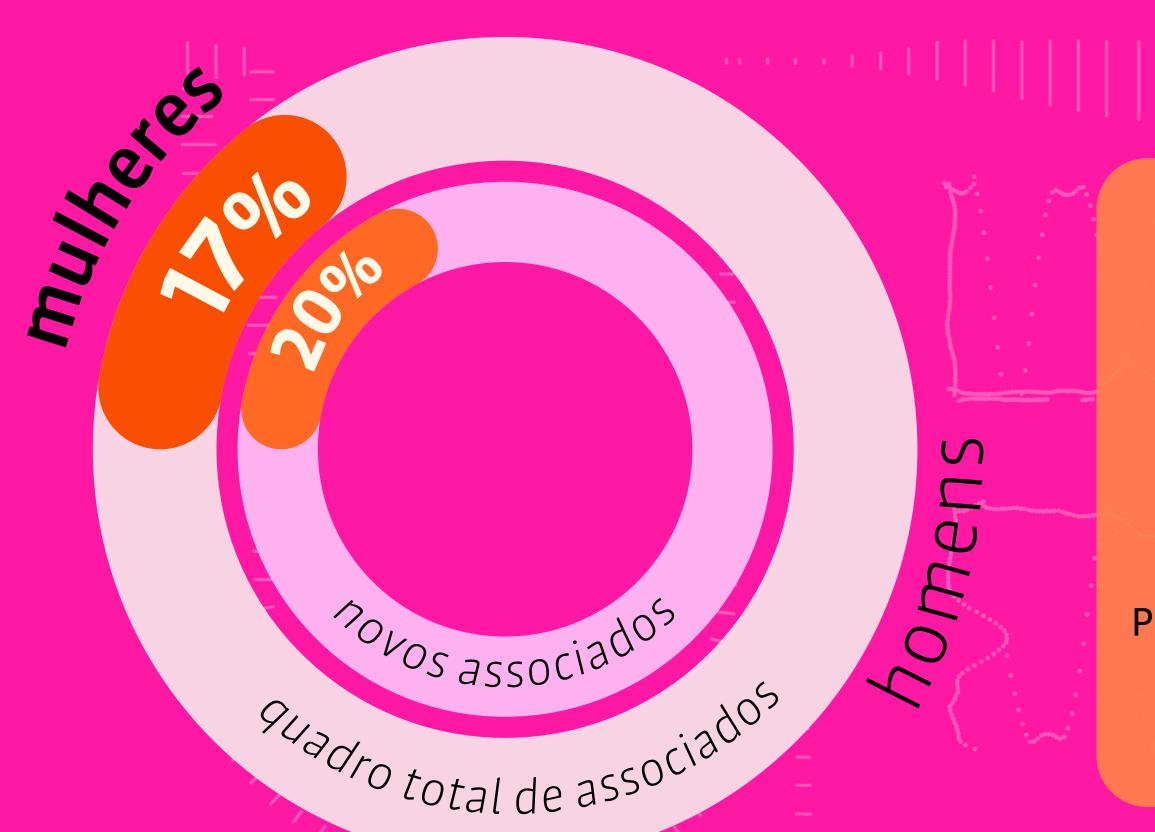
8 ANOS DE EVOLUÇÃO E IMPACTO



Faz 8 anos que lançamos a primeira edição do relatório Por Elas Que Fazem a Música, e desde então, o jogo mudou! O número de mulheres associadas deu um salto incrível, com um crescimento de três dígitos.



QUADRO DE ASSOCIADOS DA UBC



Em 2024, as mulheres seguem firmes com 17% da base da UBC. Mas a boa notícia? Entre os novos associados, esse número subiu para 20%! Ou seja, um ponto a mais comparado a dois anos atrás. Podemos enxergar um crescimento lento, mas promissor. O avanço está acontecendo!



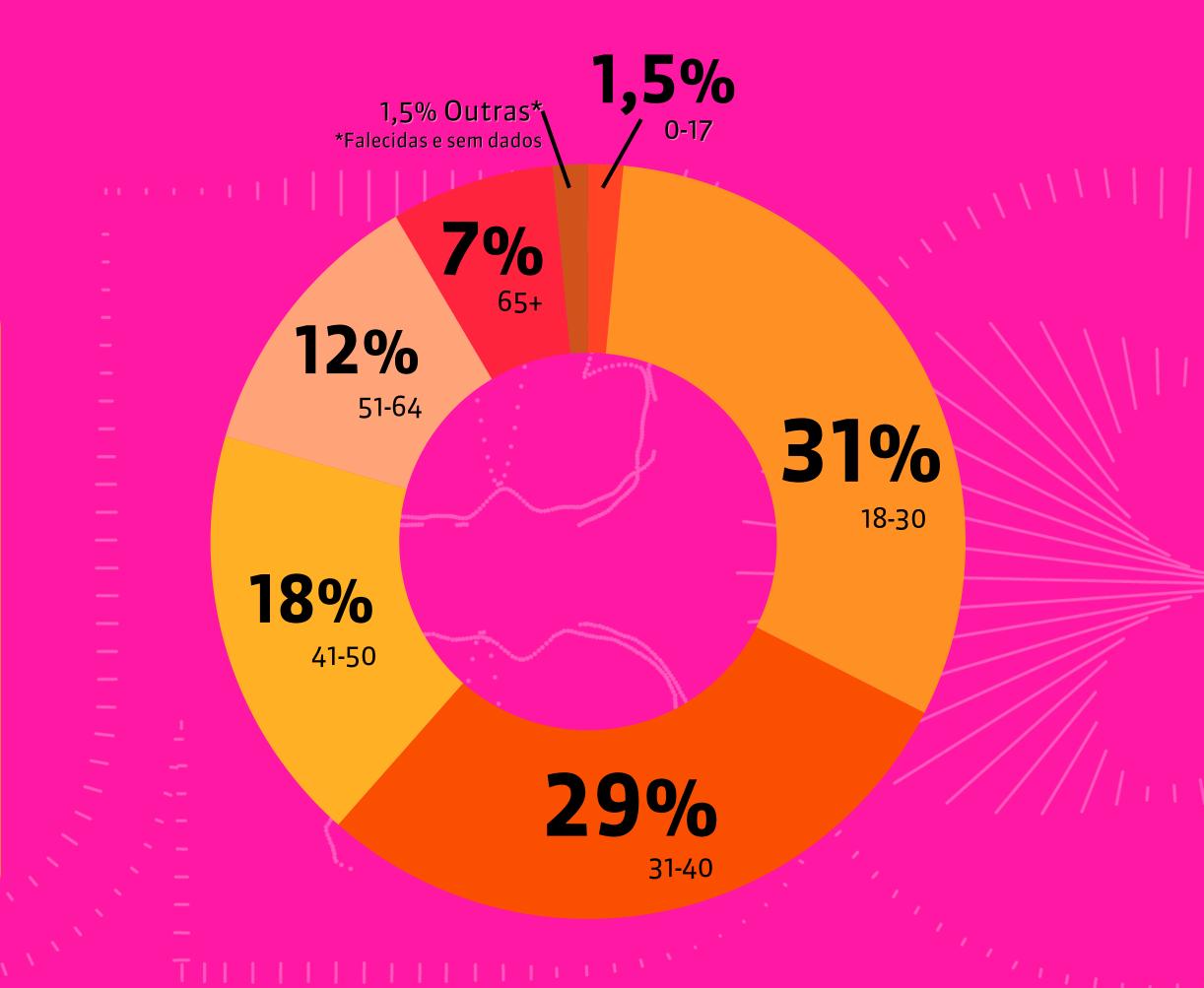
Faixa etária

As jovens de 18 a 30 anos lideram entre as associadas,

representando 31% do total.

No entanto, entre as mais novas, de até 17 anos, a presença ainda é discreta, com apenas 1,5%.

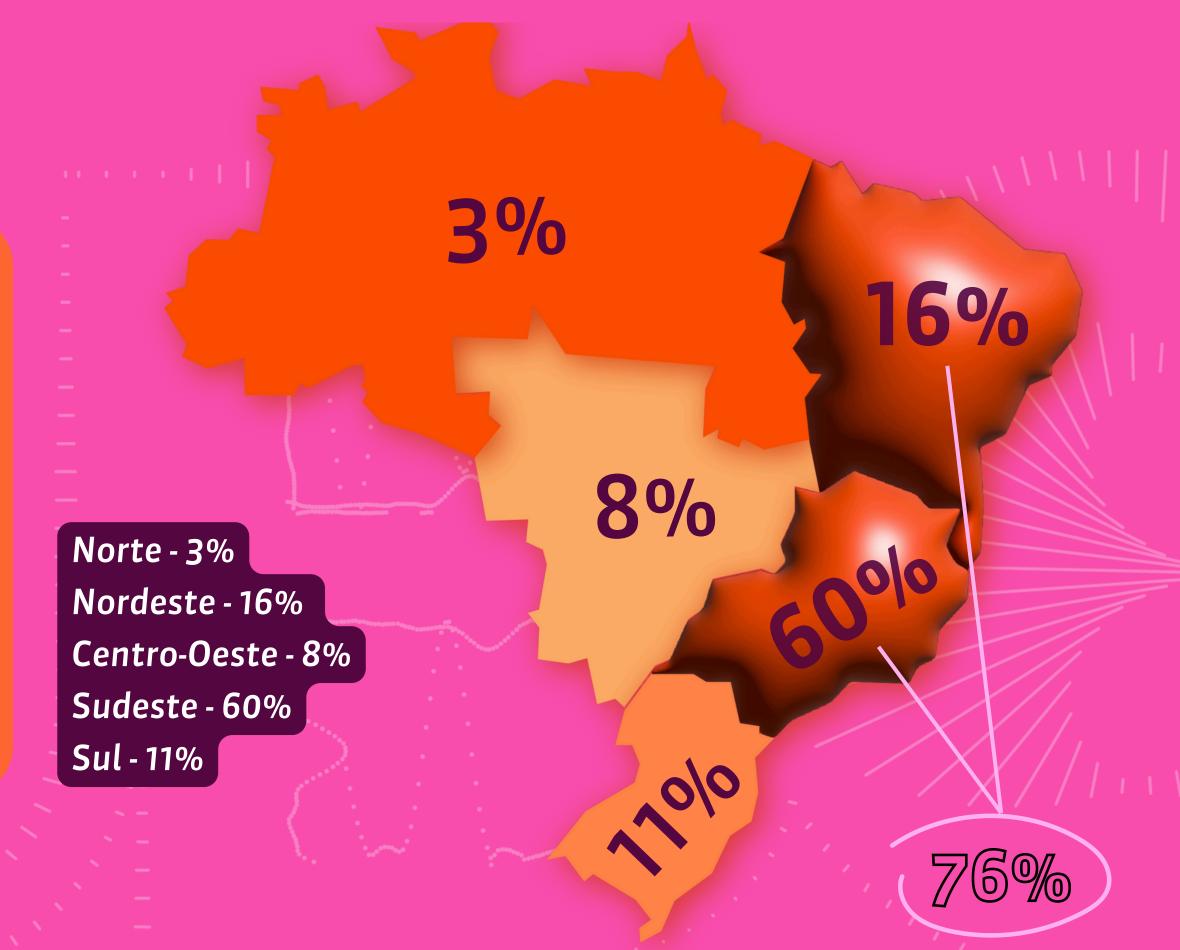
A presença majoritária de jovens indica renovação, mas a baixa adesão das mais novas exige ações para atrair e apoiar a profissionalização de novos talentos.



Distribuição regional

Nordeste e Sudeste continuam no topo quando o assunto é mulheres associadas, concentrando 76% do total. O Sudeste segue na liderança, enquanto o Norte ainda registra a menor participação.

A distribuição regional mostra onde a presença feminina já está mais consolidada e onde ainda há espaço para crescer.

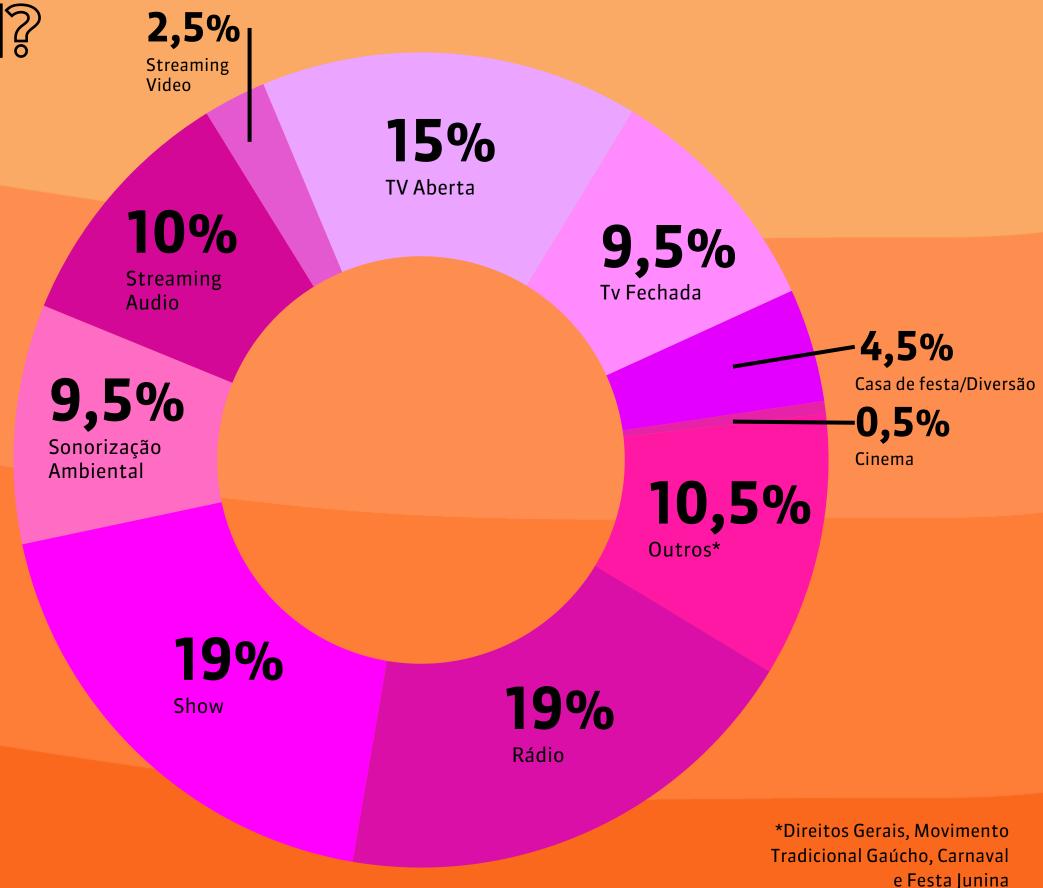




COMO ELAS PRODUZEM?

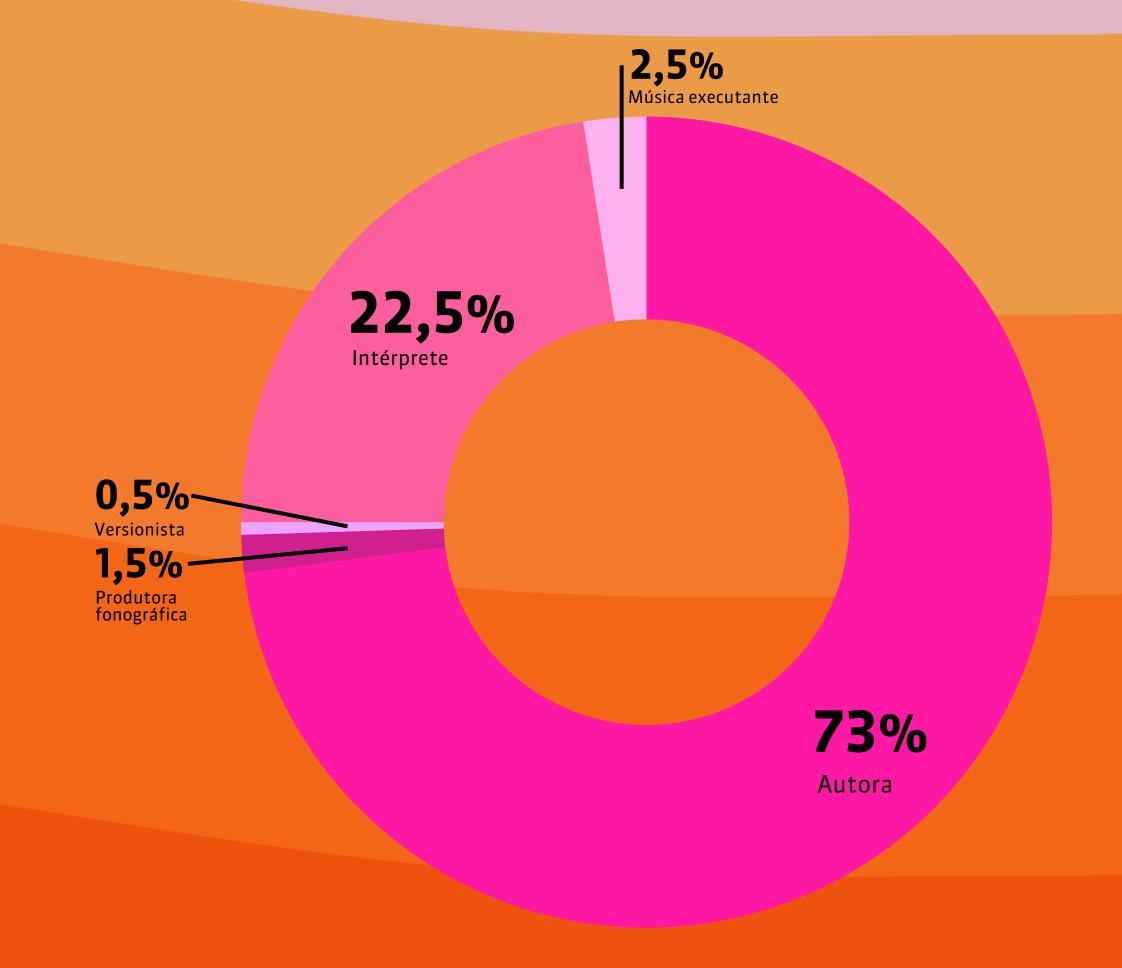
No cenário feminino, Rádio e Show se destacaram como os segmentos mais lucrativos, cada um representando 19% da arrecadação.

Já o Cinema ficou na outra ponta, com apenas 0,5% da renda total delas.



COMO ELAS ATUAM

Ao analisar a distribuição de renda entre as mulheres por categoria, as autoras se destacam, recebendo 73% do total. Enquanto isso, as versionistas tiveram a menor participação, representando apenas 0,5%. Esses dados refletem a concentração de ganhos e as diferenças nas oportunidades dentro do mercado.





A REALIDADE DA
REMUNERAÇÃO
DELAS

Mesmo com avanços importantes, os ganhos não acompanham. **As mulheres continuam recebendo apenas**

do total distribuído entre todos os titulares.

Um dado que escancara a desigualdade e reforça a necessidade de mudanças para um cenário mais justo e equilibrado.

A REALIDADE DA REMUNERAÇÃO DELAS



As mulheres ainda são minoria no topo:

Entre os 100 maiores arrecadadores da UBC, apenas 12 são mulheres.

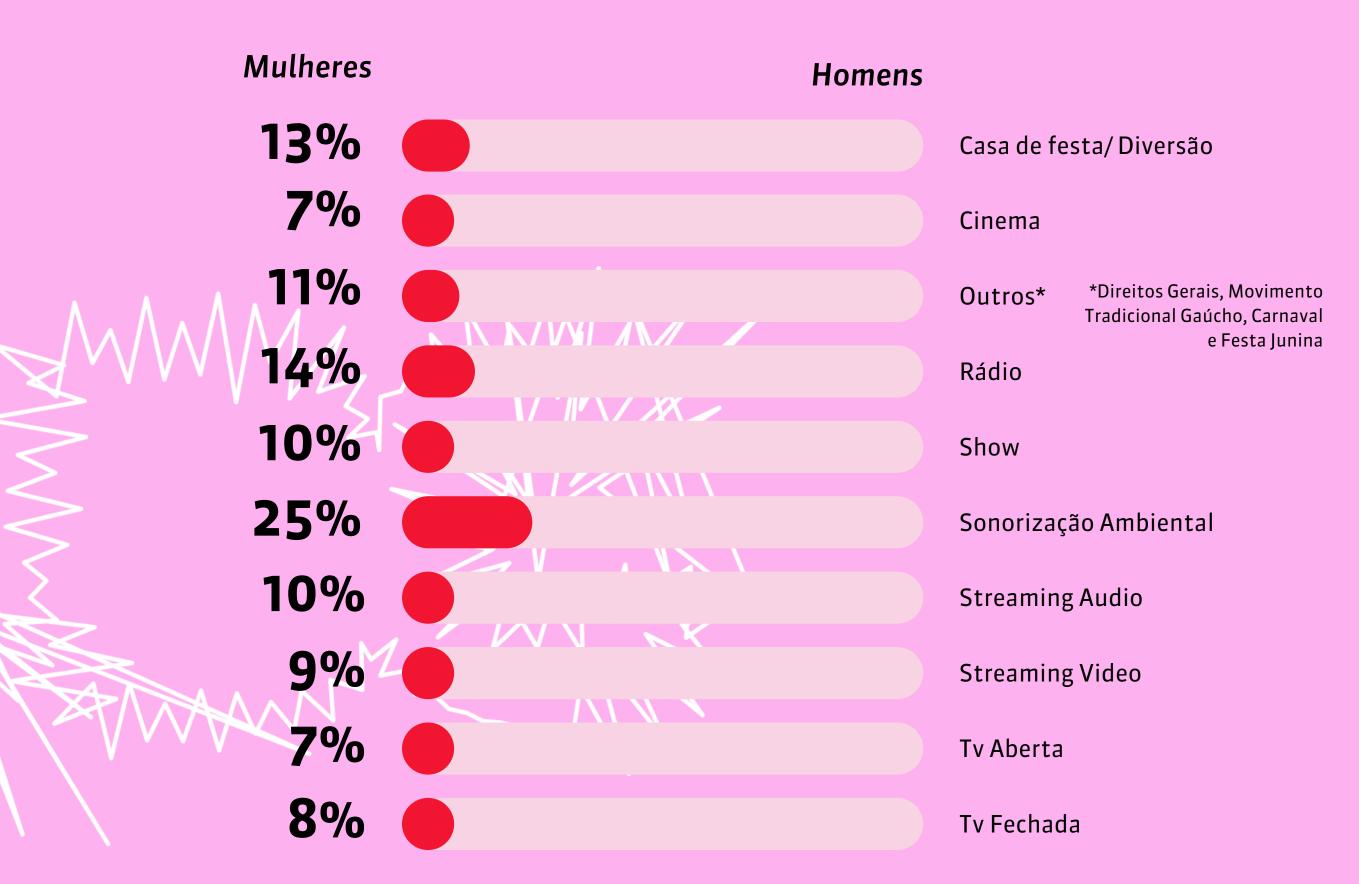
Mas há uma conquista importante nesse cenário:

A artista mais bem colocada alcançou a 13ª posição, subindo oito lugares em relação a 2023. Um sinal de que a mudança está acontecendo, ainda que aos poucos.



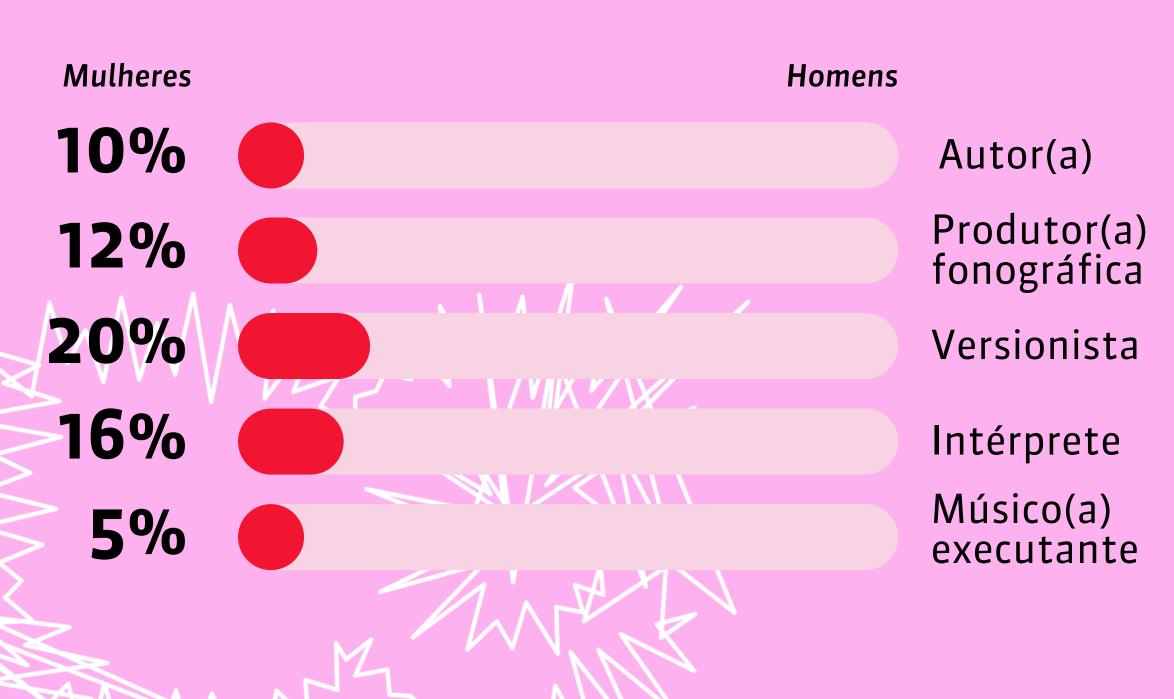
A PARTICIPAÇÃO DELAS EM CADA SEGMENTO

Quando falamos de rendimento, Sonorização Ambiental foi o segmento com maior participação feminina, chegando a 25%. Mas nos setores de Cinema e TV Aberta, a presença ainda é mínima, com apenas 7% para as mulheres.



A PARTICIPAÇÃO DELAS EM CADA CATEGORIA

Na categoria de Versionista, as mulheres alcançaram seu melhor desempenho em 2024, com 20% do rendimento. Mas em Musico(a) Executante, a participação ainda é bem baixa, ficando em apenas 5%.





ELAS CRIAM, ELAS REGISTRAM: O CRESCIMENTO EM NÚMEROS

O último ano foi marcado por um aumento expressivo no cadastro de obras e fonogramas com participação feminina.

O destaque foi o aumento de 11% nos fonogramas cadastrados por produtoras fonográficas, seguido de um crescimento de 10% nas obras registradas por autoras e versionistas.

ELAS LIDERAM NA UBC





Na UBC, a força feminina é real!

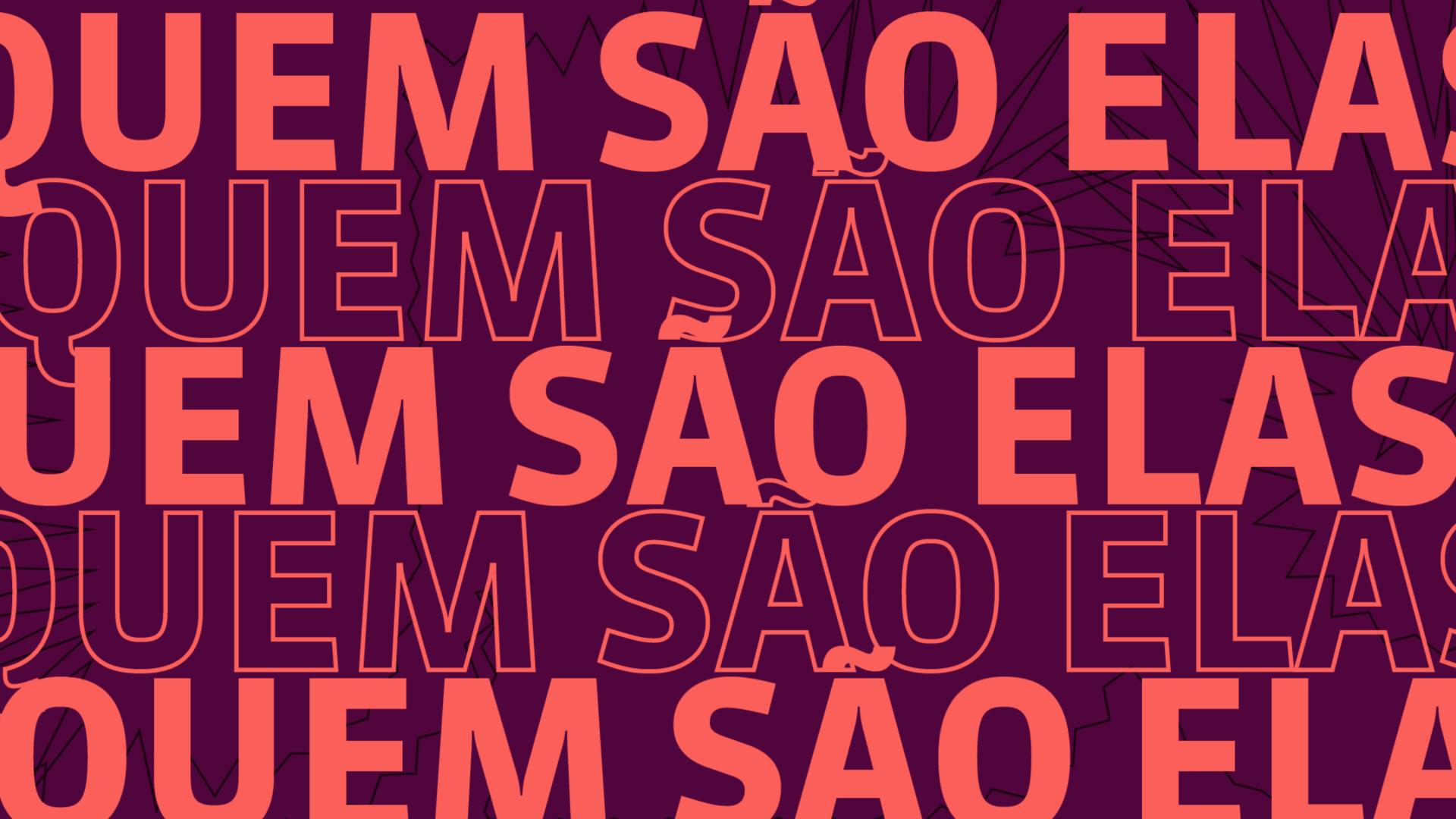
Com 57% da equipe composta por mulheres, essa representatividade se estende aos cargos de liderança, onde elas ocupam 61% das posições, incluindo a gerência de todas as filiais (SP, BA, PE, MG, RS e GO).

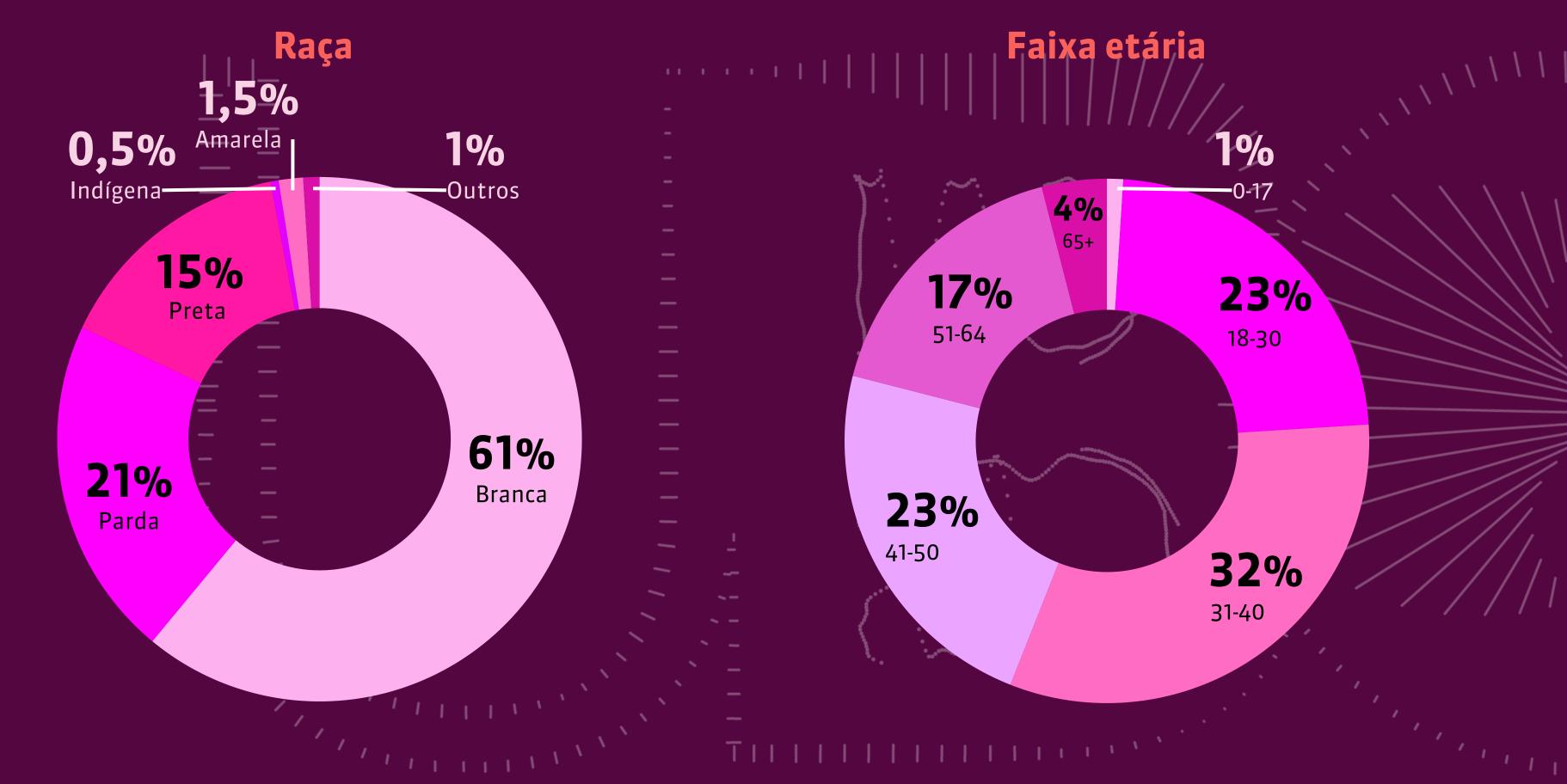
Em 2023, demos um passo ainda mais importante ao eleger Paula Lima como a primeira Diretora-Presidenta da UBC, reafirmando nosso compromisso com a equidade de gênero e a valorização da liderança feminina*.

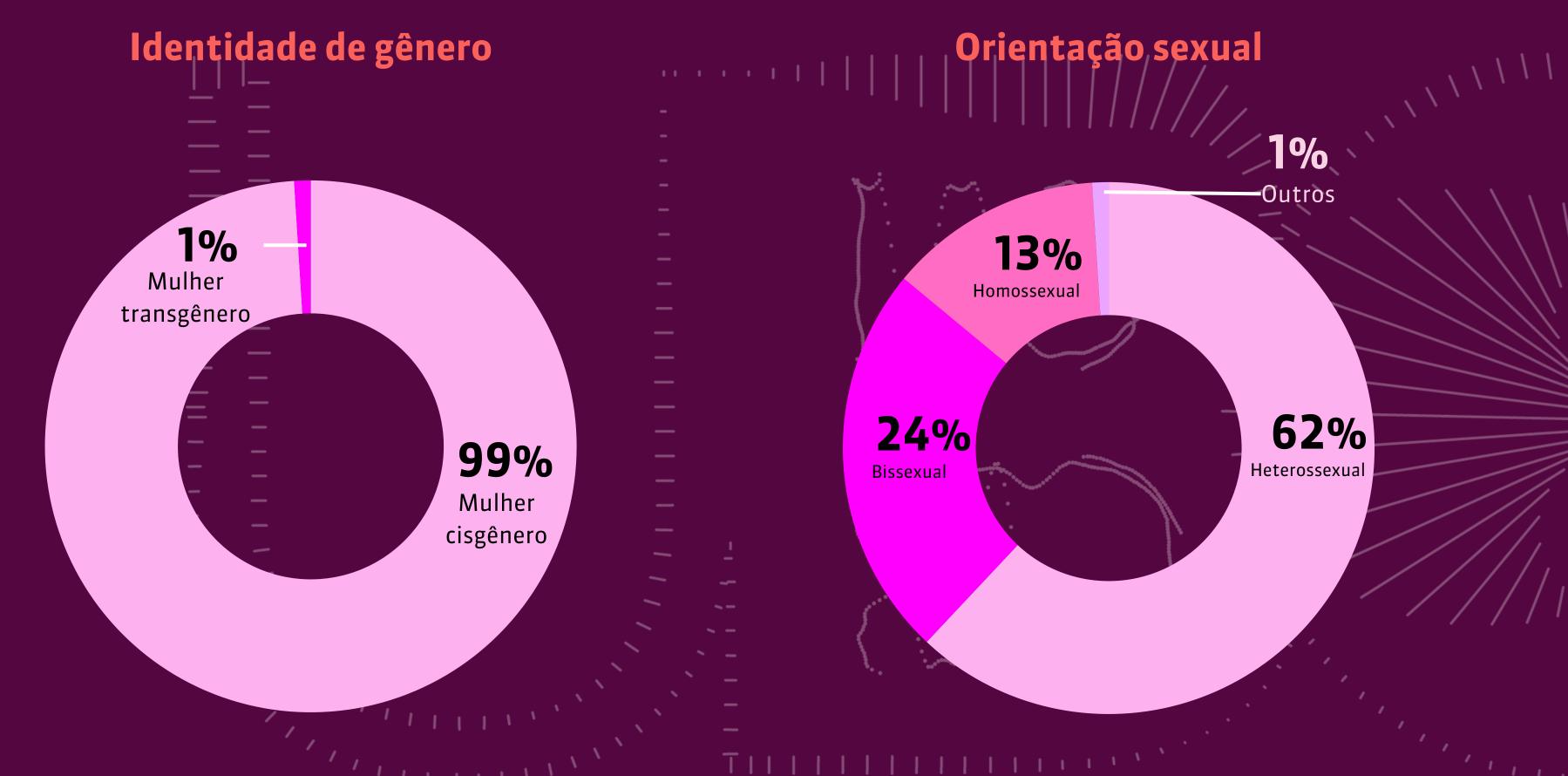
*Antes dela, Sandra de Sá assumiu a presidência em 2015, de forma provisória, após a inesperada morte de Fernando Brant.

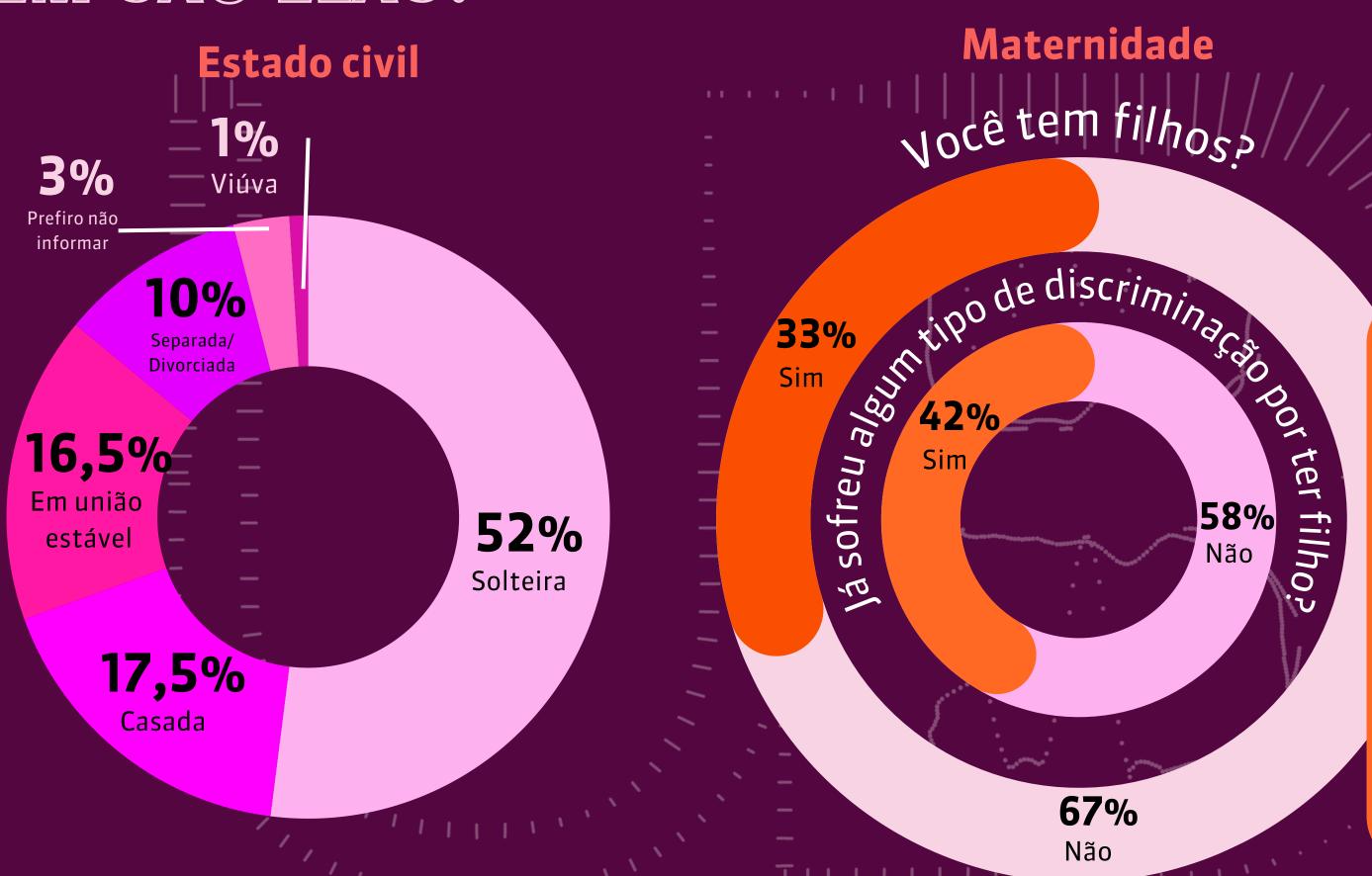


Para deixar nosso relatório ainda mais completo, lançamos um questionário com perguntas mais diretas sobre a realidade das mulheres na música. Entre 13 de janeiro e 14 de fevereiro, 456 mulheres participaram do nosso levantamento digital, respondendo através das nossas redes e compartilhando suas experiências.









Entre as
participantes,
33% são mães.
Dessas, 42%
relatam já ter
enfrentado
algum tipo de
discriminação
por terem filhos.
Confira alguns
relatos!

(Autora pediu para manter o relato anônimo)

"Indiretamente sofremos a ausência de convite para eventos e a inserção em grupos que pegam estrada por acreditarem que não estamos disponíveis por ter filhos."

(Autora pediu para manter o relato anônimo)

"Nunca houve uma descrição clara, um discurso que colocasse o fato de ser mãe como um impedimento, mas a limitação de tempo, ou de deslocamento que a maternidade implica as vezes, SEMPRE é uma questão. Em um mercado que demanda por disponibilidade total, para estar atuante (na música) e exercer a maternidade, é primordial que mães dependam de cuidadoras (de crianças)... Portanto, a total liberdade de tempo e mobilidade no trabalho com shows, eventos de produção e divulgação, fica sempre na pendência de apoio à maternidade, e este apoio pode ter custos, que jamais são recuperados. Mesmo o contratante sendo uma mulher, parece sempre haver a preferência a engajar uma mulher que ainda seja 'cuidada por uma mãe', que uma mãe, que precise cuidar de outras pessoas além de se dedicar ao trabalho."

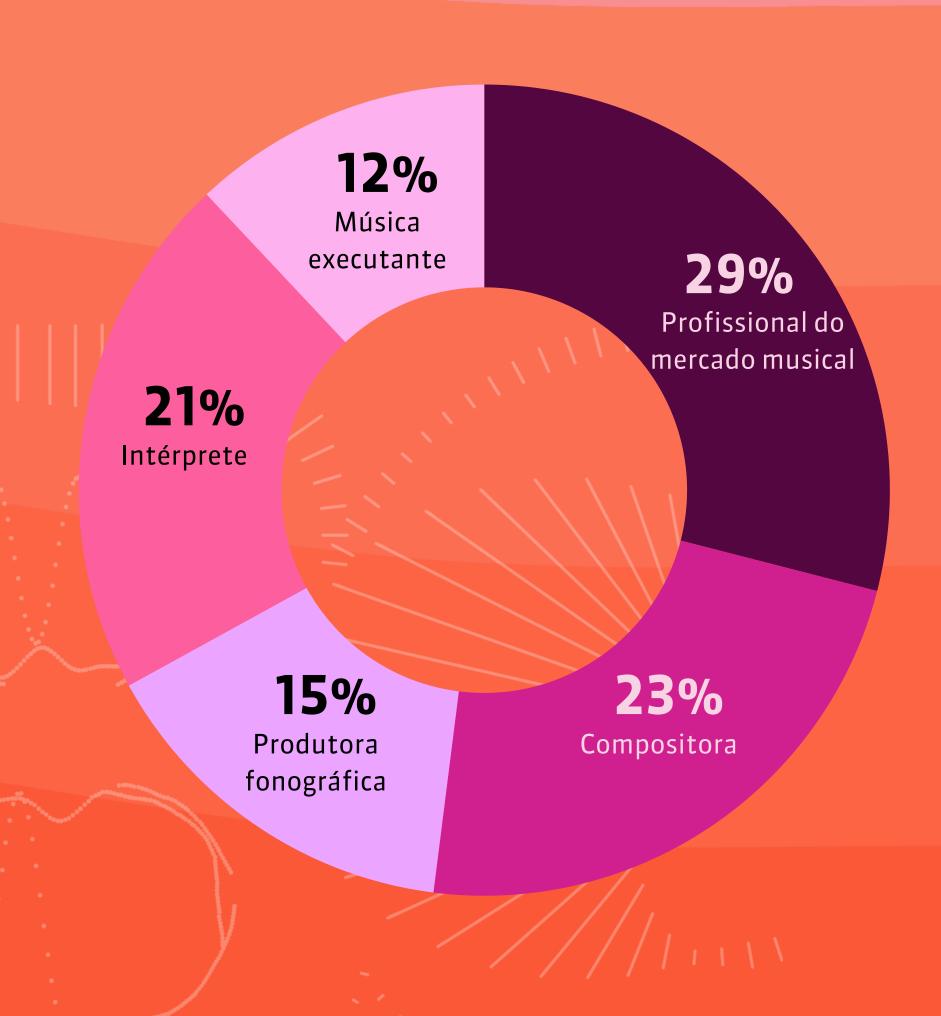
(Autora pediu para manter o relato anônimo)

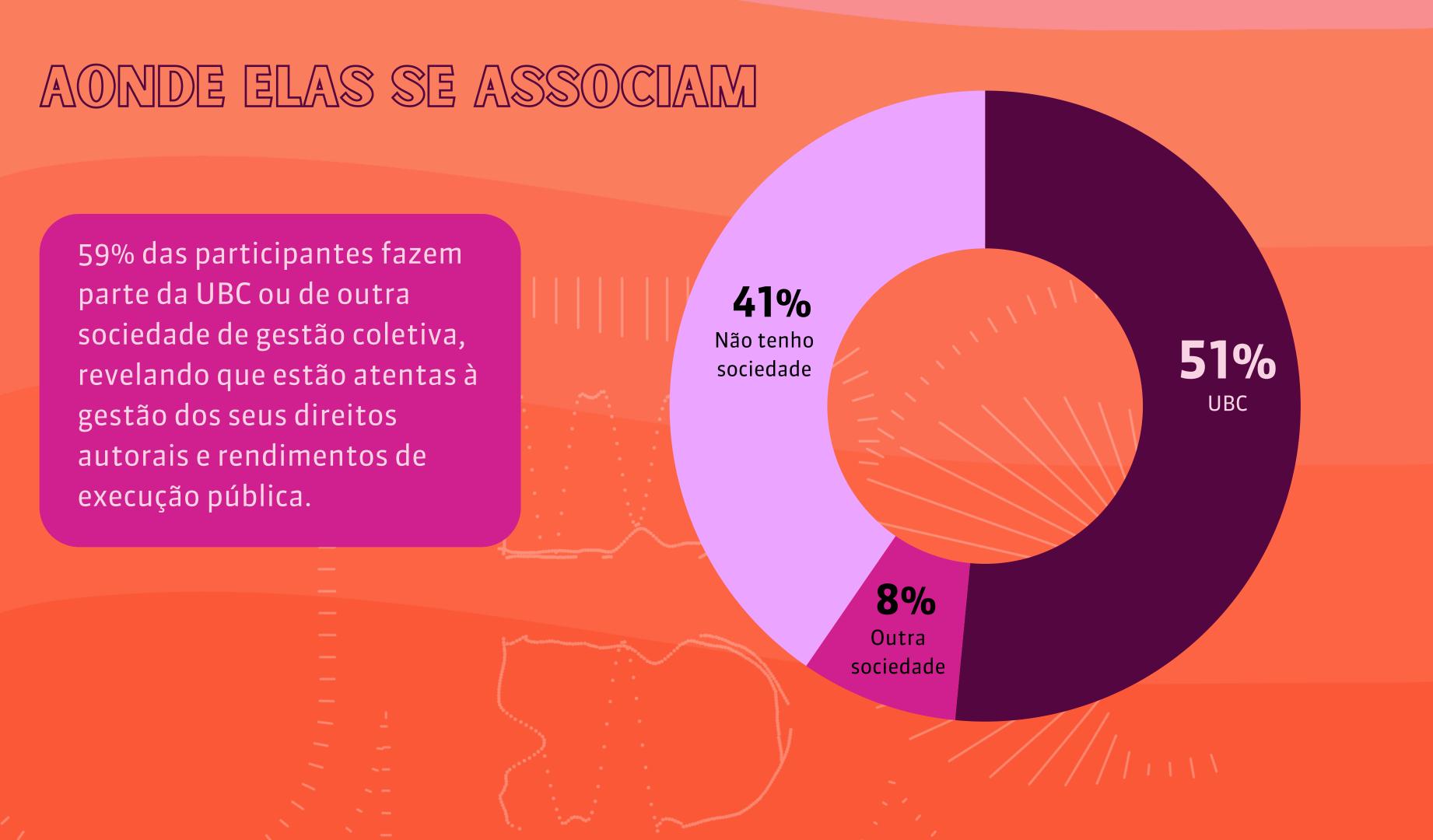
"Tenho muitos episódios. Mas um deles envolveu todos os preconceitos juntos. Quando passei na faculdade de regência orquestral eu já tinha 31 anos, uma filha de 7 anos e trabalhava como vendedora de uma loja de roupas. O professor não gostava de mim porque eu era mulher e não era jovem como os colegas. Sempre tive que fazer tudo mais rápido e melhor, apesar de não receber apoio de ninguém na faculdade. Até que ele começou a questionar em público: 'por que uma mulher vendedora de loja com filho queria ser regente orquestral?' Eu me senti muito humilhada porque era a melhor aluna na faculdade e pedi pra sair da turma dele."

5-ABUMERGADO ELAS NO MERCADO ELAS NO MERCADO ELAS NO MERCADO ELAS NO MERCADO ELAS NOMERATION

COMO ELAS ATUAM

Nesta pergunta, as participantes podiam selecionar mais de uma opção, já que muitas mulheres desempenham mais de um papel no mercado. As mais marcadas foram "Profissional do mercado musical", com 29%, seguida de "Compositora", com 23%.





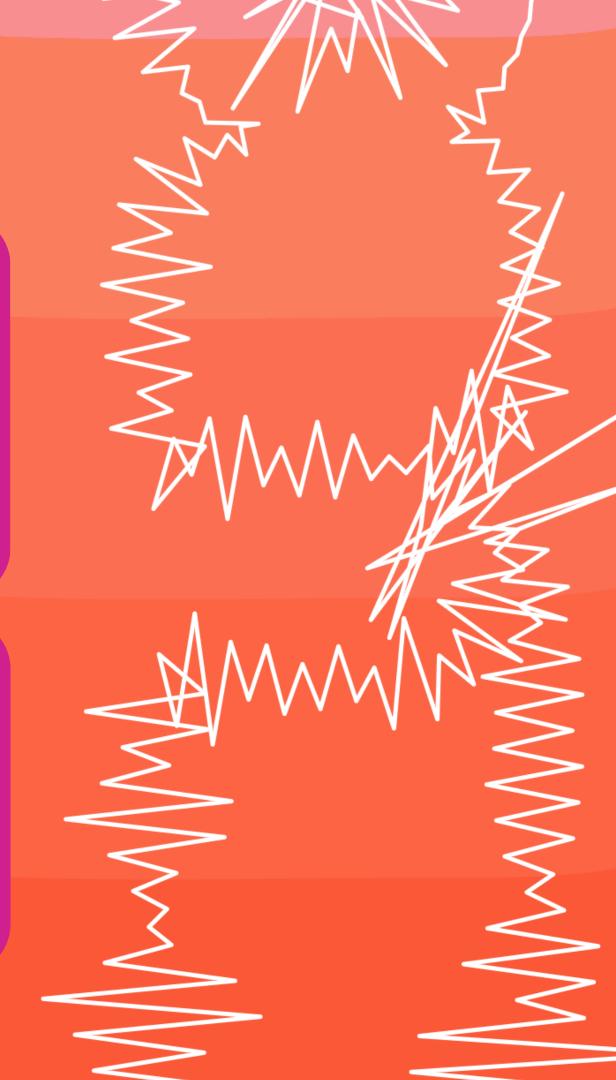
COMO ELAS PENSAM

97% delas acham que os homens recebem mais oportunidades ou são favorecidos no trabalho dentro do mercado musical.

78% já vivenciaram alguma ocasião em que se sentiram pressionadas a tolerar comportamentos inadequados para preservar ou avançar em suas carreiras musicais.

90% já vivenciaram situações na indústria musical em que sentiram que suas habilidades ou talentos foram subestimados pelo fato de serem mulheres.

68% perceberam a necessidade de adotar uma 'imagem' ou 'persona' alinhada a estereótipos femininos para alcançar maior sucesso no mercado musical.





(Autora pediu para manter o relato anônimo)

"Sou uma mulher que trabalha na produção musical e muitas vezes fico atrás de uma mesa de som - na parte de equalização de som. Em várias ocasiões percebi um preconceito e um descrédito de colegas homens que sempre colocaram em dúvida minha capacidade como musicista, técnica de som (com conhecimento em softwares de áudio, ambientação, multi-instrumentista, mixagem, harmônicos, equilíbrio musical da cena), enfim, com uma pessoa que comanda a mesa de som em um espetáculo ou em um show. Por várias vezes me questionaram: 'Mas é você mesma que vai ficar atrás da mesa de som?' Sempre passo por isso. É muito triste e desanimador."

(Autora pediu para manter o relato anônimo)

"Tocava com um rapaz e eu escrevia todas as músicas, mas por algum motivo, as pessoas sempre achavam que era ele quem criava tudo."

(Autora pediu para manter o relato anônimo)

"Sou compositora, produtora musical e arranjadora, além de intérprete. Sempre sou reconhecida (apenas) pelo meu trabalho como intérprete, meus outros atributos sempre geram dúvidas e questionamentos. Isso me enfurece. Meu companheiro, que é engenheiro de som, recebe o prestígio das minhas produções e arranjos. As pessoas não acreditam que sou eu que desempenho esse papel, mesmo atuando no mercado da música há mais de 20 anos, enquanto ele atua como engenheiro há apenas 3, pois possui uma outra carreira CLT. É inacreditável."

AS BARREIRAS QUE ELAS ENFRENTAM

Ao olhar os dados por faixa etária, fica claro que o problema continua grave.

A única exceção são as mulheres com 65 anos ou mais, com um índice de 47%.

Já nas demais idades, a maioria relatou ter sofrido discriminação, com um destaque preocupante para o grupo de 31 a 40 anos, onde esse número chega a 84%.

6 7 0/0 0-17 anos

18-30 anos

840/0 31-40 anos

810/o 41-50 anos 66% 51-64 anos

4-00 +65 anos

das mulheres afirmam ter sido alvo de assédio na indústria musical por conta do seu gênero Quando fizemos essa mesma pergunta em 2023, o resultado foi alarmante: 76% das mulheres afirmaram ter sofrido assédio no meio musical. Confira os resultados do levantamento digital de 2023 em: Pesquisa digital

Aísha - Bruna Honória Pereira

"Infelizmente tenho inúmeros episódios de assédio no trabalho, tanto em palco, quanto em estúdio, e até mesmo durante negociações de trabalho. De certa forma é um comportamento 'padrão' e normalizado dos homens na indústria musical. Nós precisamos sempre nos adaptar às situações e nos manter em silêncio pra conseguir continuar a carreira, com o mínimo de dignidade financeira e acessos."



(Autora pediu para manter o relato anônimo)

"Um empresário 'informal' e eu viajamos para um lançamento musical importante para fazermos networking, e ele chegou ao nível de ter reservado só um quarto para dormirmos juntos após o evento. Eu neguei, claro, e pedi um quarto para mim. Ele implorou na porta do meu quarto. Continuei negando com a maior gentileza. Ele então pegou um táxi na madrugada, foi embora e me deixou no hotel sozinha. Eu fui embora na manhã seguinte, pois teria que pegar um ônibus na rodoviária para voltar pra casa, chorando e arrasada, e acredito que os homens atendentes do balcão tenham achado que eu era uma prostituta, porque nem me olharam na cara quando fiz o checkout."

Jessyca Souza Meireles

"Foram várias situações de assédio, vou relatar uma: em determinado trabalho, estava na copa pegando café e um técnico de iluminação me agarrou a força, por trás e precisei usar de muita força para sair dessa situação. Nada aconteceu com ele e hoje em dia ainda o encontro em eventos."

AS BARREIRAS QUE ELAS ENFRENTAM

Os números por faixa etária mostram que essa ainda é uma triste realidade para muitas mulheres no mercado musical. As únicas exceções estão entre as mais velhas (65+ anos, com 32%) e as mais jovens (menores de idade, com 33%). Nas demais faixas etárias, a maioria relatou ter passado por algum tipo de assédio, com um dado alarmante no grupo de 31 a 40 anos, onde esse número alcança 77%.

3 3 0/o 0-17 anos **620/0**18-30 anos

31-40 anos

30/0 41-50 anos **5 3 0**/**0 5 1**-64 anos

32% +65 anos

O que elas acham que pode ser feito para que esses quadros mudem?

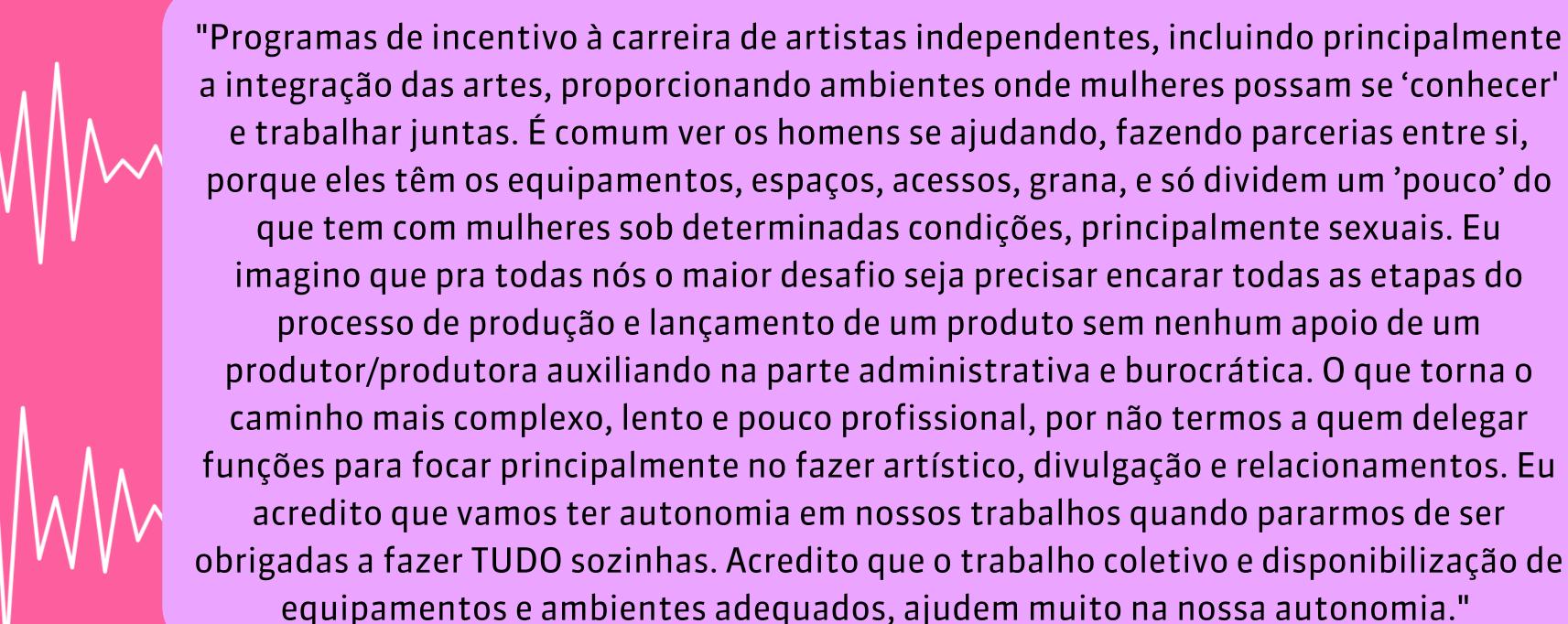
Flávia Muniz



"Acredito que quanto mais mulheres estiverem a frente de eventos, instituições e empresas musicais, mais teremos a chance de começar a mudar as heranças normatizadas dentro da cultura patriarcal. As mulheres ainda estão dissolvendo e digerindo tantos anos permeadas por um modo de viver limitado, que não nos permitia estar compartilhando nossa voz e visão de mundo. Penso que estamos no ponto de virada. Enquanto o corpo da mulher ainda for um objeto, ainda haverá espaço para situações abusivas. Creio que a cultura popular e os modos de viver sugeridos por elas pode nos mostrar caminhos inventivos para um tempo que ouve o que as mulheres têm a dizer."

O que elas acham que pode ser feito para que esses quadros mudem?

Aísha - Bruna Honória Pereira



O que elas acham que pode ser feito para que esses quadros mudem?

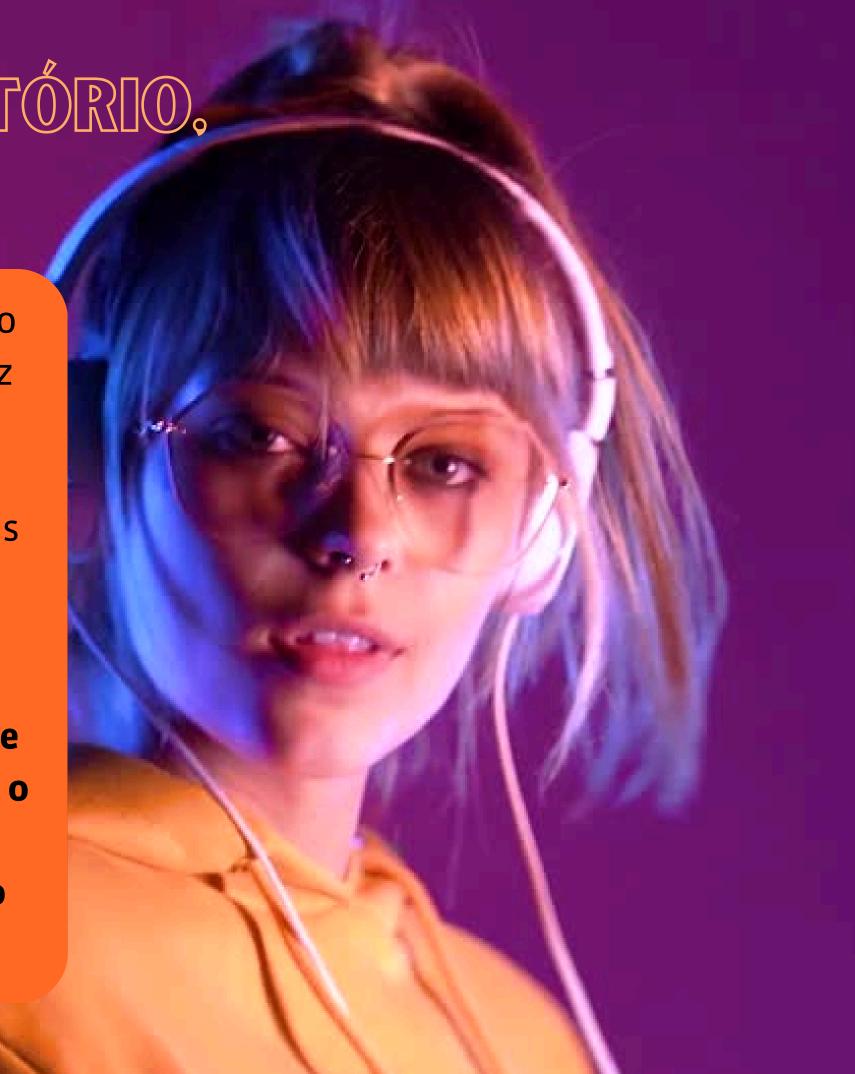
Gabriela Marini

"Pesquisas como essas são fundamentais para compreender e valorizar o papel das mulheres no mercado musical. Elas destacam a significativa contribuição feminina na indústria e evidenciam a necessidade de promover maior equidade de gênero. Embora a presença feminina esteja crescendo, ainda há desafios. Ao ouvir e reconhecer mulheres, reforçamos a importância e trabalhamos para um cenário musical mais justo."

MAIS DO QUE UM RELATÓRIO.
UM COMPROMISSO!

Esse relatório nasceu para entender melhor o mercado musical para as mulheres e jogar luz nas discussões sobre o tema na indústria. Desde 2018, já vimos avanços importantes, mas ainda em um ritmo lento, nas conquistas de intérpretes, autoras, musicistas e produtoras fonográficas.

Mais do que mostrar números sobre a desigualdade de gênero, a UBC sabe que pode e deve ajudar a mudar esse cenário. Por isso, o apoio à igualdade de gênero não fica só no discurso ou no mês de março – ele acontece o ano todo e faz parte dos nossos valores.



A UBC – União Brasileira de Compositores – é uma associação sem fins lucrativos, dirigida por autores, que tem como objetivo principal a defesa e a promoção dos interesses dos titulares de direitos autorais de músicas e distribuição dos rendimentos gerados pela utilização das mesmas, bem como o desenvolvimento cultural. Fundada em 1942 por grandes nomes da música, a UBC atua até hoje com dinamismo, excelência em tecnologia da informação e transparência, representando no Brasil e no exterior mais de 65 mil associados. Sendo a mais antiga das sociedades do Brasil, rege, junto a outras sociedades congêneres, o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição – ECAD. As informações e dados mostrados neste relatório foram extraídos da base de dados da UBC. Os rendimentos a que o relatório se refere são oriundos da distribuição de direitos autorais de execução pública feita pela UBC aos seus associados.

Coordenação do projeto: Mila Ventura Análise de dados: Pedro Henrique Guzzo e Letícia Taets Lira Levantamento dos dados: Jair Rezende e Andrea Machado Design do projeto: Flavia Marcatti

Redação: Pedro Henrique, Akemy Morimoto e Letícia Taets Lira

